

## OFICINAS DE LIBRAS EM UMA ESCOLA DA REDE REGULAR DE ENSINO NA CIDADE DE PELOTAS.

**PRISCILA DA SILVA AVILA<sup>1</sup>**; **JENNIFER IORDI<sup>2</sup>**; **JULIA ELIZABETH ROSA DE LIMA<sup>3</sup>**, **TAIANA DOS SANTOS CASTRO<sup>4</sup>**; **DAIANA SAN MARTINS GOULART<sup>5</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – prisavila@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – jennyordi21@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – julia.erdlima@gmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – taianac714@gmail.com*

<sup>5</sup>*Universidade Federal de Pelotas – daiana.goulart@ufpel.edu.br*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um relato de experiência sobre as oficinas de Libras ministradas em uma escola municipal de Ensino Fundamental, localizada na Colônia Z3, na cidade de Pelotas/RS. Essa atividade faz parte da curricularização da extensão prevista no Projeto Pedagógico da graduação em Letras Libras/Literatura Surda da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. Foi ofertada como uma atividade de extensão na disciplina - Estudos da Língua Brasileira de Sinais V, semestre 2025/1, pelo projeto de extensão Libras em Ação em parceria com integrantes da Coordenação de Acessibilidade - COACE da UFPEL.

O relato aqui apresentado, faz parte das primeiras atividades de extensão das disciplinas de Libras do curso, a iniciativa em ofertar as oficinas surgiu durante as discussões sobre ensino da língua de sinais que ocorreram em sala de aula, nos momentos de reflexão sobre a importância de ações voltadas para divulgação e ensino da Libras nas escolas e instituições da cidade de Pelotas. Sobre a escolha do local, é pertinente destacar que o projeto Libras em Ação e o projeto Inclusão: uma ponte entre a universidade e a sociedade da COACE, já haviam firmado uma parceria com a escola da Colônia Z3. Aproximação que possibilitou a oferta das oficinas naquele espaço de ensino.

A graduação em Letras Libras Licenciatura começa a ser ofertada no Brasil em 2006, pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Devido a carência de profissionais para atuar na área do ensino e da tradução e interpretação da língua de sinais, a iniciativa pioneira da UFSC, impulsionou a oferta desta graduação em outras universidades, em 2008 é ofertada a primeira turma de Letras Libras Bacharelado, voltada para formação de tradutores e intérpretes. No decorrer dos anos, essa formação passa a ser ofertada em vários estados, em 2023 a Universidade Federal de Pelotas, oferta a primeira edição do curso de Licenciatura em Letras Libras/Literatura Surda, tem-se nesta oferta uma nova ênfase - Literatura Surda. Em consonância com a resolução nº 7 de 2018, do Ministério da Educação - MEC, que determina que todo curso de graduação deva ter no mínimo 10% da carga horária destinada a atividades de extensão, na graduação em Letras Libras/Literatura Surda essa carga horária está distribuída em algumas disciplinas do curso, a exemplo das disciplinas de Estudos da Língua Brasileira de Sinais V e VI.

Sobre a curricularização da extensão, FONTENELLE (2024), argumenta que ela tem um papel importante na aproximação entre a universidade e a sociedade, no entanto, ela alerta para a necessidade de refletirmos sobre esse processo, para a autora fazer extensão querer um olhar atento, é preciso conhecer e compreender a realidade das escolas, instituições e/ou locais, para os quais levamos nossas propostas. Nessa direção, a extensão não pode funcionar apenas como uma prática “extensora de conhecimentos” (FONTENELLE, 2024, p.5). Ela deve ser construída junto com os integrantes da escola, levando em consideração os interesses e necessidades daqueles que frequentam esses espaços. Aspectos que retomaremos na seção destinada aos impactos gerados e as discussões sobre esta proposta.

## 2. METODOLOGIA

O ensino da Libras como segunda língua nas escolas regulares vem suscitado vários debates, de acordo com LIMA; LEMOS; PESSOA (2024) a ampliação da oferta do ensino da Libras para ouvintes, é uma forma de inclusão e interação com as pessoas surdas, uma vez que embora existam vários aportes legais, na prática as barreiras de comunicação entre ouvintes e surdos ainda são inúmeras e precisam ser superadas, Segundo MORET; ROCHA, MENDONÇA (2024):

Atualmente no currículo escolar, há a obrigação de se ensinar a Língua Inglesa e/ou a Língua Espanhola, como segunda língua, mas não vemos tal compromisso no ensino da Língua Brasileira de Sinais – “Libras”, que é uma língua reconhecida como forma legal de comunicação e expressão da comunidade surda oriunda do Brasil (MORET; ROCHA, MENDONÇA 2024, p. 2).

Para os autores, o aumento expressivo de alunos surdos nas escolas regulares requer políticas públicas que contemplam a forma de comunicação desses alunos, se há a obrigatoriedade de outras línguas, é preciso pensar em políticas que tratem do ensino da Libras nas escolas, sobre a inserção dessa disciplina no currículo. Essas são discussões importantes para pensar sobre a urgência de políticas voltadas para acessibilidade linguística, onde o foco principal passa a ser as adequações do espaço de ensino e não os sujeitos.

Diante dessas reflexões e dos estudos sobre estratégias de ensino de Libras para alunos ouvintes, organizamos as primeiras oficinas de Libras para alunos do 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental. A primeira etapa corresponde à seleção e organização dos conteúdos, materiais didáticos e pesquisa de alguns sinais relacionados à pesca, já que a escola está localizada em uma região pesqueira. Além da oficina para os alunos, que foram divididos em duas turmas, e ficaram sob responsabilidade das discentes do curso de Letras Libras. Uma terceira oficina foi ministrada pela coordenadora do projeto Libras em Ação para os professores. Enquanto as oficinas aconteciam, alunos que atuam no projeto, mantinham-se atentos às salas, prestando suporte técnico, acompanhando todo processo e realizando anotações sobre o que poderia melhorar ou ser modificado nas próximas oficinas.

Ao chegarmos na instituição, fomos acolhidos pela comunidade escolar e convidados para conhecer os arredores da escola, locais frequentados por alunos e docentes que residem na localidade, um desses locais foi a Divinéia, uma espécie de canal, onde as embarcações ficam ancoradas, lugar histórico da Colônia Z3 e de extrema relevância para aquela comunidade. Foi nesse local que

a oficina começou, em meio às curiosidades e a histórias contadas pelos alunos, passamos a mostrar alguns sinais que faziam sentido naquele contexto e a falar sobre a língua de sinais. Esse foi um momento importante, no qual fomos desafiados a pensar em como conduzir a situação, já que estávamos preparados para começar a aula na sala de aula, tínhamos preparado material e deixado na escola, no entanto fomos desafiados e começar naquele espaço o processo de ensino. Depois de uma “aula passeio”, fomos para a escola, formamos duplas e nos dividimos em três salas, conforme havíamos combinado antecipadamente com a direção.

Como os alunos ainda não conheciam a língua de sinais, os conteúdos ministrados foram voltados para a comunicação básica em Libras e sobre os aspectos culturais das pessoas surdas. Durante as oficinas, realizamos atividades interativas voltadas para aquisição e produção na língua de sinais, mostramos novos sinais à medida que os conteúdos abordados geravam dúvidas e curiosidades nos alunos.

### 3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

A atividade de extensão proporcionou aos discentes do curso de Letras Libras Literatura Surda, e aos demais alunos que acompanham o projeto, vivências relacionadas às particularidades que constituem o fazer docente. Inicialmente, fomos surpreendidas com a colaboração dos alunos, aceitação e disponibilidade em aprender a se comunicar por meio da Libras. No primeiro encontro não tínhamos conhecimento da realidade dos alunos e fomos surpreendidas com as suas histórias e com a facilidade e agilidade na aquisição dos sinais. Essas vivências foram de extrema importância para que pudéssemos pensar e nos organizar para o segundo encontro, para o qual preparamos vários materiais com antecedência, pesquisamos, discutimos e gravamos os sinais que utilizamos durante as oficinas. Para relembrar as letras do alfabeto manual, utilizamos o jogo da forca, colocamos no quadro um tecido preto, com giz desenhamos a forca, as letras para formar as palavras foram disponibilizadas no alfabeto manual (representação das letras do alfabeto por meio das configurações de mão). Os alunos precisavam reconhecer as letras para formar as palavras.

Notou-se que a troca de conhecimentos e vivências facilitou o aprendizado e a curiosidade por parte dos alunos da escola que se mostraram muito solícitos e interessados. As atividades foram realizadas de uma forma participativa, nas quais os alunos puderam se apropriar, por exemplo, do alfabeto em Libras para sinalizar seus nomes, aprender sinais, frases curtas, e fazer diálogos de forma sinalizada.

Durante uma das oficinas, na sala onde estavam os professores ficamos sabendo que tinham passado pela escola vários alunos surdos e que recentemente uma aluna surda tinha se matriculado na Educação de Jovens e Adultos - EJA, mas que após apresentar algumas dificuldades havia desistido. Em meio a essa conversa com os professores, descobrimos que durante alguns meses a escola conseguiu via prefeitura uma intérprete para acompanhar essa aluna e que junto com a intérprete os professores criavam estratégias para tornar o conteúdo acessível. No entanto, após um tempo de atuação a intérprete recebeu outra proposta de trabalho e a escola acabou ficando sem essa profissional.

Outro aspecto relevante e que merece ser ressaltado foi o apoio dos colegas que participaram dessas oficinas, o trabalho em grupo, importante ressaltar que todos são fluentes em Libras, o que trouxe segurança no momento das tarefas propostas. E, também a participação de professoras(es) e alunos nas oficinas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

Essa prática proporcionou uma aproximação do espaço escolar com a língua de sinais e foi de extrema relevância para os alunos da graduação em Letras Libras/Literatura Surda, uma vez que a aproximação com a realidade dos alunos possibilitou outras formas de pensar o ensino da Libras.

A interação exercida contribuiu para a valorização da diversidade linguística e cultural, reforçando a importância de integrar a língua de sinais no cotidiano escolar como prática de inclusão, permitindo que todos os sujeitos envolvidos percebessem seu papel na construção de uma proposta de educação inclusiva.

A experiência mostrou que iniciativas de aproximação entre universidade e escola são articulações potentes para a formação, reflexão, bem como produção de novas perspectivas pedagógicas, tanto para futuros professores quanto para a comunidade escolar. Uma vez que, o fazer docente se dá na prática cotidiana da sala de aula, é preciso conhecer a realidade dos alunos para organizar propostas de ensino que contemplem os seus interesses e necessidades.

As vivências proporcionadas pela extensão, tem nos permitido refletir sobre vários aspectos, especialmente quando se trata do acesso e permanência dos surdos em espaços inclusivos, necessidade de ações relacionadas ao ensino e divulgação da Libras, formação inicial e continuada, entre outros.

Além disso, é preciso considerar que o bilinguismo, assunto latente, é algo que deve ser inserido no ambiente pedagógico, pois não se trata apenas de uma concessão, é uma questão de direito linguístico das pessoas surdas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTENELE, I. C. A curricularização da Extensão no Brasil: história, concepções e desafios. In.: Revista Katálysis, Florianópolis, v. 27, e97067, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/gFvkWgJTdRjdrJfyNqF3LPt/?format=html&lang=pt> Acesso em: 16 ago 2025.

LIMA, R. S. A. C.; LEMOS, L. S.; PESSOA, B. R. P. C. Ensino de Línguas: A Libras como L2 para pessoas ouvintes. Anais do Congresso de Pesquisa em Língua de Sinais - COPELS, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2024, Disponível em: <https://publicacao.copels.com.br/>. Acesso: 16 ago 2025.

MORET, M. C. F. F; ROCHA, A. C. C.; MENDONÇA, J. G. R. A necessidade da disciplina de Libras no Ensino Fundamental. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, v. 8, n. 4, 2021. Disponível em: <https://seer.ufmt.edu.br/revistaelectronica/index.php/revistagepadle/article/view/5138>. Acesso: 13 ago 2025.